



Banabuyé
304 Anos

A Arcádia



Esperança
91 Anos

Órgão de história - Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com

ANO III Sexta-feira, 01 de dezembro de 2017 N° 30



*"Esperança verde, alada!
Nossa alma aflita descança
No doce enlevo enganada
De alada e verde esperança..."*
(Aladino: 1925)

Esperança - Paraíba

*"Arde siempre, arde, dice, para que en
qualquer momento pueda encenderse
outra lâmpada"* (Silvino Olavo: 1925)

*Parabéns pelos seus 92 Anos de
Emancipação Política*



EXPEDIENTE:

A Arcádia - Jornal de história
Publicação Mensal - Ano III, N° 30
Redatores: Rau Ferreira/Hauane/Heloise
Contato: historiaesperancense@gmail.com
Aceita-se produção textual e contribuições:



UM POUCO DE ESPERANÇA

Rau Ferreira

Formação territorial

Antes da colonização a nossa região era habitada pelos Índios Cariris que eram considerados guerreiros ferozes, e por isso denominados Tapuias pelos inimigos. Eles se fixaram nas proximidades do Tanque do Araçá, um importante reservatório de água.

Com o passar do tempo boa parte dos Cariris haviam sido banidos, deixando estas terras para os colonizadores portugueses, enquanto outros passaram a viver em harmonia, dando origem a uma modesta miscigenação.

Em 1713 foram concedidas pela Coroa Portuguesa as primeiras Sesmarias: uma no lugar “Lagoa de Pedra” e outra na “Lagoa do Banabuyé”.

Da sesmaria de Banabuyé nasceu em 1860 uma fazenda de criação de gados, de onde se originou uma pequena feira de gêneros alimentícios e uma capela de Nossa Senhora do Bom Conselho.

Esperança já foi chamada de Banabuyê (1713), Boa Esperança (1872) e, finalmente Esperança (1908).

O historiador Irineu Jóffily narra que Banabuyé foi sempre o nome deste lugar, mas um missionário que por aqui passou mudou-o sem motivo plausível para Esperança, que deveria ter

prevalecido (Notas sobre a Parahyba: 1892).

Não se sabe ao certo quem foi o responsável por essa mudança de denominação.

Alguns atribuem a Frei Herculano que realizou a primeira missa nas proximidades do Tanque do Araçá e fundado a nossa capela; outros dizem que foi Padre Ibiapina que também teria construído o cemitério em 1862.

Esperança por sua posição geográfica privilegiada, proporcionou o crescimento da feira que se realizava no largo da Matriz.

Na rua do Sertão (Solon de Lucena), pernoitavam os tropeiros, que faziam circular as mercadorias da época (farinha, rapadura, carne seca, algodão etc).

Já na rua principal (Manuel Rodrigues) ficavam hospedados os caixeiros-viajantes, que negociavam utensílios domésticos, perfumes, bijuterias e joias.

Continua na página seguinte >>>>>

Formação territorial

<< Conclusão da página anterior

O movimento comercial deu impulso ao povoamento, com um rápido crescimento populacional. Contudo, Esperança não era independente e todo o imposto arrecadado aqui era levado para Alagoa Nova. Esperança pertencia à Alagoa Nova, e isso provocava muito

descontentamento, pois os esperancenses não viam o retorno daquele dinheiro em obras públicas. Nessas condições, a próspera vila de Esperança queria administrar as suas rendas.

A grande oportunidade surgiu quando João Suassuna, acompanhado de Elysio Sobreira, veio aqui inaugurar o sistema de energia elétrica.

O poeta Silvino Olavo fez então um grande discurso, pedindo ao amigo governador que emancipasse o Município, cuja promessa foi cumprida com a edição da Lei nº 624 de 1º de dezembro de 1925.

Sobre poemas e Sol

Por José Mário da Silva Branco



Há uns dias compartilhei alguns poemas da lavra de Silvino Olavo, poeta cuja Cadeira de número 35 devo ocupar na próxima semana (17/11), perante a Academia de

Letras de Campina Grande.

Não tenho como descrever a alegria de vê-los comentados, num grupo social, com toda a sua técnica, pelo Professor José Mário da Silva Branco, que

confessou: “Poeta que estudei na Universidade Federal de Campina Grande, há alguns semestres, quando ministrei a disciplina Literatura Paraibana”.

Escritor, crítico literário e imortal da Academia Paraibana de Letras, e já eleito para a Academia Campinense, o Dr. José Mário da Silva Branco é na atualidade o maior nome das letras em nosso Estado, com projeção nacional. Não bastassem esses predicados, é um homem de Deus, evangelizador que tem convertido muitas almas do pecado da morte.

“Levei-o para a sala de aula e li vários poemas de autoria dele [Silvino], todos muito bem apreciados pelos alunos”, escreveu o Acadêmico.

Sobre poemas e Sol

2ª Parte



Foi então que
lhe apresentei
o inédito “O
inseto que
leva o veneno
das pestes ao
cálice das
rosas puras”,
cujos versos
debito a
seguir:

*Minhas amigas! Há uns tantos
Que veem um sentido mal nos versos
lindos
Que eu vos desfolho como os Gregos
desfolham acantos
Sobre as cabeças das suas virgens
Esses que dizem que o meu verso
empuna
Voss'alma de cristal. Virgem
Parahybana;
Virgens que eu coroo de rosas e de
versos!
Esses que veem em chamadas sempre
acesas,
No vosso altar de Vesta o meu culto
pagão,
Certo já vos levaram ao ouvido
Que há nos meus versos outro sentido
Que não seja o de tapizar-vos o chão
Que pisardes, de rosas, como se fôreis
princesas...
Ora! Mas esses são criaturas
Tão abjetas como aqueles insetos
Que levam o veneno das pestes
Ao cálice das rosas puras...*

A crítica do Professor José Mário foi bem pontual:

“Lindo poema. Metalinguístico em sua estrutura composicional básica, o eu-lírico estabelece com a alteridade um contraponto dialógico, no qual reafirma-se a força do poema, ainda quando ancorada no porto da dissonância. Acentue-se, de igual modo, a elevada tonalidade textual, típica de uma retórica mais afinada com o espírito clássico.

Em seu clássico livro: ABC da Literatura, o poeta e teórico da literatura Ezra Pound afirmou que poesia é um signo complexo, que reúne em sua estrutura profunda a logopeia (ideia), a melopeia (ritmo) e a fanopeia (imagem), dimensões textuais que, a despeito da predominância de uma ou de outra em determinada construção poética, convivem simultânea e dialeticamente.

Em Silvino Olavo, sem embargo da presença dos aspectos imagéticos e sonoros que percorrem as camadas materiais dos seus poemas, vê-se a ostensiva predominância de uma lírica que se pretende, fundamentalmente, ser um constante pensar sobre a vida, seus fascínios, mistérios e complexidades.

Leiam os versos de “Postal...”, publicados em seu “Cysnes”, que veio à lume em 1924, pela Brasil Editora:

*Tenham-te inveja as rosas do jardim,
para que os homens, invejando a mim,
reputem-me feliz entre os mortais;
e possa então o amor que me incendeia,
travez o incendio da retina alheia,
crescer dentro de mim cada vez mais...*

Sobre poemas e Sol

Conclusão

Versos decassilábicos perfeitos, cartografia exata de um poeta que exibiu pleno domínio do seu ofício”.

Professor da Universidade Federal de Campina Grande - Unidade Acadêmica de Letras. Vice-presidente do Clube Pensamento/Estudo/Nacionalidade - Primeira Seccional PEN da Paraíba, José Mário também é Presbítero da Igreja Presbiteriana de Campina Grande, e tem escrito os seguintes livros: Mínimas Leituras - Múltiplos Interlúdios - 2002; Reconciliação - 2006; Os abismos do ser-2009.

Silvino Olavo passeou pela estética livre, parnasiana e simbolista. Poeta, jornalista e advogado, era uma inteligência multiforme. Atacado de um mal súbito, feneceu por vinte anos em uma casa de alienados, até que seu cunhado Waldemar lhe trouxe para o convívio familiar. O fatídico destino do

vate, foi tal qual os seus poemas mais trágicos: um misto de dor e esperança. Ele mesmo vaticina em uma de suas estrofes:

*Quando Jesus veio à Vida
com a túnica do Mar...
O olhar do céu na luz da Vida
Não me ensinou a chorar*

O poeta classificava duas categorias opostas de homens: Um que se extasia diante de uma flor, descobrindo nela o símbolo de um mundo, e outro que não alcança lobrigar uma flor em todo o universo.

José Mário se insere neste primeiro grupo, pela sua sensibilidade tão natural quanto o ar que respira, que exala conhecimento e sabedoria em tudo o que escreve, e nos orgulha por ser tão maravilhoso como a criação divina, em toda a sua exuberância, ao tempo que é do nosso convívio o mais simples. Gratidão, é tudo que tenho para lhe oferecer.

Poesia e arte.....

Tempo pra amar

Ler...
Reler...
Aprender.

Tanto por fazer
e nada tempo dá.

Tempo. Tempo.
O que fazer?
O que me dá?

Dá-me tempo pra vida
Dá-me tempo pra amar!

Banabuyé, 12 de novembro de 2017.

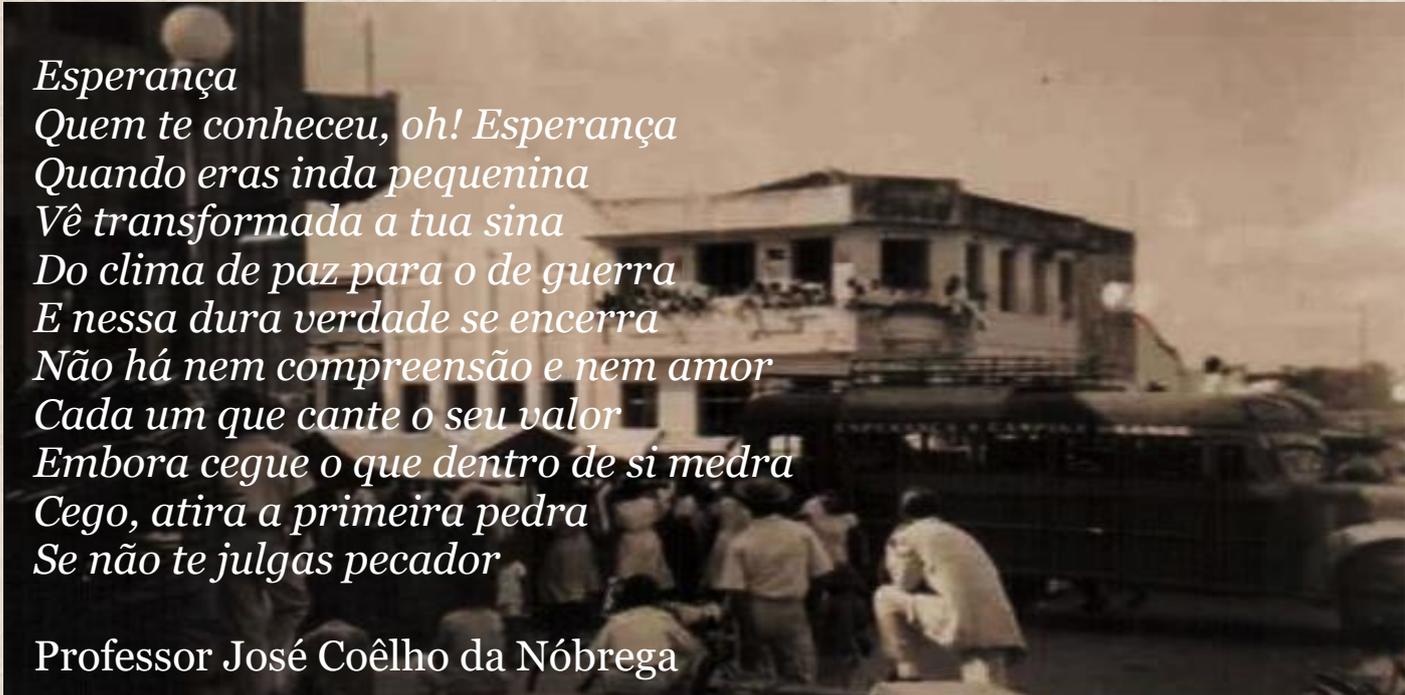
Rau Ferreira

Costumes

“São tantos costumes
Passados de mão em
Mão. De carinho em carinho.
De irmão em irmão
Do africano ao português,
Do português ao africano...
Até chegar em suas mãos”.

Banabuyé, 08 de novembro de 2015.

Hauane Maria



*Esperança
Quem te conheceu, oh! Esperança
Quando eras inda pequenina
Vê transformada a tua sina
Do clima de paz para o de guerra
E nessa dura verdade se encerra
Não há nem compreensão e nem amor
Cada um que cante o seu valor
Embora cegue o que dentro de si medra
Cego, atira a primeira pedra
Se não te julgas pecador*

Professor José Coêlho da Nóbrega

RETORNO

*Revejo a terra onde vivi
criança
E onde joguei meus
jogos pueris –
A encantadora vila de
Esperança,
Cuja recordação me faz
feliz...*

*- Meu castanheiro e sua
sombra mansa
minha czinha perto da
Matriz,
meus pais e meus
irmãos (quanta
lembrança)*

*minha menina – a que
mais bem me quis!*

*Beiral de casas brancas
e baixinhas,
Onde se agitam, quando
a gente dorme,
Num festivo rumor, as
andorinhas!*

*Ó vida boa de ócio
ingênuo e lindo,
Ao recordar-te vem-me
agora um enorme
Desejo alegre de chorar
sorrindo...*

Silvino Olavo

*Parabéns, Esperança
Pelos seus 92 Anos de Emancipação política*